

**DISCUTINDO A GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
A PARTIR DA NOVELA “A LÍNGUA DE EULÁLIA”,
DE MARCOS BAGNO (2000)**

Marcelo de Jesus de Oliveira (UFT)

pfmarcelopt@gmail.com

Debora Rodrigues Ribeiro (UEMASUL)

dborahsilva2015@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa parte de uma análise crítica e discursiva dos aspectos socio-linguísticos minuciosamente discutidos nas dependências da obra intitulada “A língua de Eulália: Novela Sociolinguística” de Marcos Bagno (2000), ambicionando a desconstrução do perfeccionismo – também apresentado nesse trabalho como preciosismo, instalado no falar português brasileiro, essencialmente pelos falantes da norma culta, além de revisar sistematicamente as concepções bagnianas acerca do pedantismo linguístico e as reconfigurações reestabelecidas pelo o autor. Sendo assim, compreende-se como principal objetivo desse trabalho levantar, discutir e revisar ideias contidas na obra tida como *corpus* textual da referida pesquisa com base nas perspectivas linguísticas dos respectivos teóricos: William Labov (2008); Eni Puccinelli Orlandi (2001); Ferdinand de Saussure (2008); Marcos Bagno (2000), dentre outros. No que se refere aos procedimentos metodológico, por trata-se de uma revisão de literatura, esta pesquisa debruça-se sobre materiais bibliográficos, tais que auxiliaram na intercalação e contrastes de pensamentos entre os diferentes autores seletos para composição do aporte teórico desse trabalho, sobretudo no que diz respeito aos aspectos pautados na obra analisada. Com isso, identificou-se que há uma idealização de uma língua única e a primazia pelo culto, o que faz surgir, conseqüentemente, o que Marcos Bagno (2000) nomeia por preconceito linguístico. Assim, na busca de solução ao problema apresentado, obtêm-se como resultados desta investigação a restauração dos princípios comunicativos que foram abstruídos pelos pedantismos gramaticais, bem como analogias referentes ao que são hoje, equivocadamente, considerados erros da fala, quando na verdade existe fundamentação teórica e histórica sustentando respectivas situações.

Palavras-chave: Comunicação. Língua. Sociolinguística.

ABSTRACT

This research starts from a critical and discursive analysis of the sociolinguistic aspects thoroughly discussed in the dependencies of the work entitled “The language of Eulalia” – Marcos Bagno’s Sociolinguistic Novel (2000), aiming at the deconstruction of perfectionism – also presented in this work as preciousness –, installed in Brazilian Portuguese speaking, essentially by the speakers of the cultured norm, besides systematically reviewing the Bagnian conceptions about linguistic pedantry and the reconfigurations reestablished by the author. Thus, the main objective of this work is to raise, discuss and revise ideas contained in the work considered as the textual corpus

of said research based on the linguistic perspectives of the respective theorists: William Labov (2008); Eni Puccinelli Orlandi (2001); Ferdinand de Saussure (2008); Marcos Bagno (2000), among others. Regarding the methodological procedures, as this is a literature review, this research focuses on bibliographic materials, which helped in the intercalation and contrasts of thoughts among the different authors to compose the theoretical contribution of this work, especially regarding the aspects based on the analyzed work. Thus, it was identified that there is an idealization of a single language and the primacy for worship, which consequently gives rise to what Marcos Bagno (2000) calls linguistic prejudice. Thus, in search of a solution to the problem presented, we obtain as a result of this investigation the restoration of the communicative principles that were abstracted by the grammatical pedantry, as well as analogies referring to what are today mistakenly considered speech errors, when in fact there is foundation. theoretical and historical support of their situations.

Keywords: Communication. Language. Sociolinguistics.

1. Introdução

A necessidade de comunicação, desde o princípio da humanidade, sempre foi um elemento a ser considerado, uma vez que homem é um ser social e, por este fato, é submetido a vivência em sociedade. Nesta ótica, a língua é incumbida pela a difusão e configuração da cultura de um determinado povo, pois é por meio da linguagem que nascem as manifestações de pensamentos, ideias, opiniões, expressões e outras demais necessidades humanas. Assim, o presente registro tem objetivo geral analisar a reconfiguração do português brasileiro com base nas perspectivas do linguista Marcos Bagno (2000), sobretudo as pautadas na obra “A língua de Eulália”, tida neste artigo como *corpus* textual.

O autor apresenta na obra uma novela sociolinguística organizada em vinte e um (21) capítulos, nos quais Emília, Silvia e Vera – estudantes universitárias – são personagens principais. Tem-se como cenário da história, o sítio de Irene; professora, escritora e pesquisadora do campo de pesquisa da sociolinguística que, por sua vez, transforma as férias das discentes em uma extensa transformação para docência, ampliando o conteúdo intelectual referente à língua em seu uso funcional, difundindo novas ideias sobre o português não padrão, evocado nas dependências da obra por (PNP). Tratando-se da reconfiguração da língua portuguesa, sobretudo brasileira, o livro *A língua de Eulália* torna-se o objeto de estudo e parte do aposte teórico da pesquisa, onde foram feitas análises de seus capítulos, extraindo-se os aspectos sociais da língua, haja vista que o mesmo busca construir uma sociedade mais tolerante, onde todos conheçam e respeitem as diversidades linguísticas.

Sobre a necessidade da problematização desta falsa unidade linguística idealizadas pelos gramáticos e a tentativa de reversão deste estado da língua atual em relação ao seu, assunto que tanto tem sido discutido nas escolas, universidades e principais meios de comunicação pontua William Labov (1960): “O serviço mais útil que os linguistas podem prestar hoje é varrer a ilusão da ‘deficiência verbal’ e oferecer uma noção mais adequada das relações entre dialetos-padrão e não padrão” (LABOV, 1960, p. 53).

O português padrão foi impregnado na sociedade através de uma grande valorização da gramática na escola tradicional, onde os alunos só copiam, decoram e reproduzem aquilo que foi passado em sala de aula. Assim, subsidiando vários preconceitos incipientes em torno da língua portuguesa por ser uniforme e ter uma norma padrão, desconsiderando dessa forma fatores como o meio cultural, social, regional e econômico em que o ser está inserido (ORLANDI, 2001).

Os gramáticos impõem veementemente que a norma padrão da língua portuguesa existe e por isso dever ser obrigatoriamente seguida e, inerente a isto, qualquer outra forma que fuja do padrão endeusado pelos linguistas é considerada errada (SAUSSURE, 2008). Entretanto, pesquisadores contrários a esta afirmação defendem que a língua deve ser renovada para adequar-se aos seus falantes. Marcos Bagno (2000), reitera que a língua é mutável e viva como qualquer ser humano e que apesar de serem necessárias regras que regulamente a escrita tornando-a homogênea, há também uma necessidade de aceitação da língua falada, para que não seja gerado preconceito linguístico e conseqüentemente uma exclusão social através dessas variantes.

Dessa forma, é perceptível a necessidade de polemizar o devido uso da língua portuguesa e como isso pode afetar a vida das pessoas, objetivando a irradiação do uso das variações linguísticas como instrumento de exclusão e dominação.

2. *O perfeccionismo da língua portuguesa*

A língua portuguesa foi instaurada no Brasil com a vinda dos portugueses para estas terras, com o passar do tempo a língua foi se adaptando aos seus novos falantes, resultando no atual português brasileiro. Para tanto, regras foram criadas objetivando a estruturação dessa linguagem, compilando assim um estudo sistemático de todos os seus elemen-

tos; palavra, fonema, morfema, sintagma, frase.

Essas regras foram adquiridas e perpassadas de geração em geração, criando uma tradição educacional que valoriza o alto padrão estético da gramática descritiva/ normativa, desconsiderando, por conseguinte, seu uso em perspectiva fundamental – a comunicação – e, conseqüentemente, as variedades linguísticas existentes dentro do universo desse idioma (RODRIGUES, 2015). A escola idealiza e impõe um português único, colocando-o como parâmetro universal, rejeitando qualquer forma que fuja deste parâmetro. Consoante a Marcos Bagno, “o português não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de ‘coisas’ aparentada entre si, mas com algumas diferenças, essas “coisas” são chamadas de variedades” (BAGNO, 2000, p. 19).

Sendo assim, é mister dizer que não existe uma única língua portuguesa, a fala é influenciada por variáveis como o gênero, condição socioeconômica, nível de instrução e faixa etária. A história que homologa a unidade linguística no Brasil nada mais é que um mito, o que de fato existe é um pequeno grupo de indivíduos que fazem uso da língua como uma espécie de “ascensão” e, por acharem que estão assistidas pelos seus direitos, desmerecem pessoas socialmente.

3. O português não padrão é motivo de exclusão?

Os dicionários e as gramáticas sempre ensinaram o português “bonito” e “sem erros”, não levando em conta que falar diferente não é falar errado e o que dizem ser errado há sempre respaldos éticos e explicações lógicas e científicas para tal ocorrência (PÉCHEUX, 1997). As variações que hoje são consideradas errôneas sempre existiram nas propriedades da língua portuguesa, é o que acontece com a transformação do morfema L em R nos encontros consonantais, esse fenômeno recebe o nome de rotacização, cujo sua incumbência é transformar palavras como *Claudia*, *Globo* em *Craudia*, *Grobo*.

A sonoridade causada pelas pronúncias destas palavras após o processo de rotacização motivaram chacotas para muitos falantes cultos caçoarem daqueles que respeitam esta modalidade variacional do português não padrão. Porém, o R causador deste fenômeno não surge repentinamente, há relações com as demais línguas, assim como mostra o quadro abaixo:

LATIM	FRANCÊS	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Ecclesia</i>	<i>Église</i>	<i>Iglesia</i>	Igreja
<i>Blasiu</i>	<i>Blaise</i>	<i>Blas</i>	Brás
<i>Plaga</i>	<i>Plage</i>	<i>Playa</i>	Praia
<i>Sclavu-</i>	<i>Esclave</i>	<i>Sclavo</i>	Escravo
<i>Fluxu</i>	<i>Flou</i>	<i>Flojo</i>	Frouxo

Quadro 1: Origem da letra “R” que surge na língua portuguesa.
Fonte: Bagno (2000, p. 66).

A letra L que havia no latim permaneceu no francês e espanhol, porém, quando trazida para o português surgiu o R e tornou-se bastante ridicularizado pelos falantes do português padrão. A troca do L pelo R é uma tendência natural na língua portuguesa e, inclusive, escritores renomados como José de Alencar e Machado de Assis faziam uso dessa transformação. Marcos Bagno reitera o pensamento acima na fala da personagem Irene: “Vocês se lembram de José de Alencar e de Machado de Assis? Pois é, eles também escreviam froco em vez de floco” (BAGNO, 2000 p. 45). Ao pautar dois grandes nomes da literatura brasileira o autor pretende mostrar que o processo de rotacização é tão comum quanto se pode imaginar.

Outro exemplo dessas variações é a transformação de LH em I, este fenômeno ganha o nome de assimilação. Ocorrem em palavras como *trabalho* e *telha* que na fala se transformam em *trabaio* e *têia*. Tais pronúncias são comumente desferidas pelas classes sociais mais baixas e podem ser explicadas pela dificuldade de pronunciar o fonema LH, substituindo-o, assim, por um fonema próximo e mais cômodo de ser expresso.

Referente às transformações que ocorreram na língua portuguesa decorrente de ambos os aspectos citados, pontua Marcos Bagno (2000):

No espanhol padrão que é aquele falado na região de Castela (daí o nome “castelhano”), tudo que se escreve LL é pronunciado “lhê”, equivalente ao LH do português padrão. No entanto dentro da própria Espanha, nas demais regiões do país, este grupo LL é pronunciado “l”, e os espanhóis falantes de “castelhano” padrão têm até um nome para esta pronúncia diferente que eles, é claro, consideram um defeito. (BAGNO, 2000, p. 57)

A dificuldade na pronúncia do LH não é exclusiva dos falantes do português não padrão, esta ocorrência tem linhagem histórica, está presente no espanhol e foi abolida do francês assim que a monarquia absolutista saiu do poder dando lugar para a classe burguesa. Devido às dificuldades que os povos tinham de pronunciar o som produzido por essa consoante, ela foi extinta também da sociedade francesa.

4. Uma língua portuguesa redundante

No português padrão para um enunciado está correto é necessário que exista concordância nominal e verbal entre as palavras, na maioria das vezes essa concordância vem acompanhada de repetições, é o que acontece quando o contexto quer expressar quantidade, número (DOURADO *et al.*, 2017). Nesse caso, para marcar o plural é necessário que a maioria das palavras da frase seja acrescentada o (s) ou o (aram).

Irene, uma das personagens principais da obra de Marcos Bagno (2000), usou como exemplo para representar essa variação duas frases, primeira no singular: (quero te dar a linda flor amarela que brotou no meu jardim), observando sintaticamente esta frase é possível notar que para colocá-la no plural e ser considerada correta pela língua portuguesa, nas medidas que a gramática descritiva normativa impõe, é necessário que cinco palavras pertencentes a ela seja acrescentadas a marca característica do plural: (quero te dar as lindas flores amarelas que brotaram no meu jardim). Estas ocorrências transformam o plural do português padrão em algo repetitivo, exagerado e desnecessário, enquanto o português não padrão marca apenas uma palavra no plural para expressar quantidade maior que um como na frase (*onde as ondas se espacia*). No quadro abaixo, estão exemplo de como se configura as marcas de plurais no inglês:

SISTEMA MARCA DE PLURAL NO INGLÊS
• My beautifully elow flower died yesterday. ("Minha bela flor amarela morreu ontem")
• My beautifully elow flowers died yesterday. ("Minhas belas flores amarelas morreram ontem")

Quadro 2: Configuração da marca de plural no inglês.

Fonte: Bagno (2000, p. 53).

Como pode ser visto, a língua inglesa também usa desse artifício, marca na sentença apenas a palavra *flower* para indicar número, enquanto o português padrão volta a repetir as cinco marcas de plural. Portanto, não existe um português que é pronunciado corretamente ou português que é pronunciado de forma equivocada, o que existe é o preconceito linguístico, ou seja, classes econômicas mais elevadas objetivando se diferenciar de classes menos favorecidas. Este preconceito volta a aparecer nas conjugações verbais, o português padrão (PP) faz uso de seis formas verbais, enquanto o português não padrão faz uso de apenas duas.

CONJUGAÇÃO DO VERBO “AMAR” NO PRESENTE DO INDICATIVO	
PORTUGUÊS PADRÃO	PORTUGUÊS NÃO PADRÃO
Eu AMO	Eu AMO
Tu AMAS	Tu/você AMA
Ele/ela AMA	Ele AMA
Nós AMAMOS	Nós/agente AMA
Vós AMAIS	Vocês AMA
Eles AMAM	Eles AMA

Quadro 3: Representação da conjugação verbal em PP e PNP.

Fonte: Bagno (2000, p. 66).

Existe uma tendência muito explorada no Brasil, tal que consiste em reduzir as seis formas verbais em apenas duas, por isso o português não padrão busca eliminar essas redundâncias, simplificando essa classe de palavras. Já que a pessoa está indicada pelos pronomes, dificilmente não vai ser sabido de quem se fala e o tempo verbal, isso também ocorre no português padrão coloquial, na qual reduz essas seis formas verbais em três para melhorar a comunicação.

5. *Assimilação e redução*

A assimilação e a redução são variações que ocorrem com frequência na língua portuguesa, uma delas é a alteração dos verbos no gerúndio. Assim, a pronúncia que deveria ser *cantando* ou *andando*, são ditas como *cantano* e *andano*. O que ocorre nesta tendência é uma troca do D pelo N, por serem sons próximos ou equivalentes.

Nos encontros vocálicos de OU, há também presença de variação, as pessoas não falam mais as duas vogais, só as escrevem. É comum ouvir “popa”, “ropa” e “loro” ao invés de “poupa”, “roupa” e “louro”, pois mais uma vez a língua falada venceu a língua escrita e ocorreu esta transformação. Um processo parecido ocorreu com o ditongo EI, na qual os dois sons foram reduzidos a um I. Contudo, essa assimilação só é aplicada quando o ditongo EI aparece diante das consoantes J, X e R. São exemplos de assimilação em ditongos: Beijo/bêjo; cheiro/chêro; peixe/pêxe. Isso acontece porque o som da semivogal I, é semelhante ao som das consoantes J e X, logo não há uma redução do ditongo EI, mas sim de IJ e IX, permanecendo apenas o som da consoante. No caso da letra R a assimilação vai aparecer anteriormente á semivogal I e o próprio R.

6. *Contração das proparoxítonas em paroxítona*

É fundamental que anteceda a análise desta representação de caráter linguista, cujo seu objetivo está centrado na transformação das proparoxítonas em paroxítona, o prévio conhecimento do que seja o núcleo deste fenômeno. Caracterizam-se por proparoxítonas, nos vieses das normas gramaticais de separação silábica, palavras que tem como sílaba tônica – de maior tonicidade – a antepenúltima, como por exemplo; *fábrica, elétrico, máquina, ridículo, estúpido* ou *hipócrita*. Enquanto as paroxítonas, também conhecidas como palavras graves, têm sua sílaba tônica manifestada na penúltima posição silábica, são exemplos de palavras paroxítonas; *estéril, fácil, caráter, cidade, casa, água*.

A dinamicidade da língua falada respalda a contração das proparoxítonas, transformando-as em paroxítonas, tomando-as cabíveis no português não padrão. Um traço muito característico do português não padrão – português não padrão é seu ritmo natural, representado por paroxítono. É neste estreitamento de palavra onde nasce a contração das proparoxítonas em paroxítonas, trazendo-as do português padrão (PP) para o não padrão (PNP), como acontece no quadro abaixo.

PORTUGUÊS PADRÃO	PORTUGUÊS NÃO PADRÃO
Árvore	Arvre
Córrego	Corgo
Cubículo	Cuvico
Víbora	Vibra

Quadro 4: Contração das proparoxítonas em paroxítona.
Fonte: Bagno (2000, p. 107).

Aos ouvidos de quem desconhece tal aspecto e os motivos que precedem este fenômeno, as pronúncias reduzidas dessas e outras palavras que também passaram por contração soam indiferentes, principiando pré-julgamentos e enclausurando-as como erradas, comparando-as com as normas que alicerçam o português não padrão. Segundo Marcos Bagno (2000), “é imensa a quantidade de palavras proparoxítonas latinas que em português se transformam em paroxítonas”. Portanto, a contração das proparoxítonas em paroxítonas não é um fenômeno exclusivo do português não padrão.

7. *Desnasalização das vogais postônicas*

A língua portuguesa, em seus dois estágios de uso – padrão e não padrão – reconhece a tendência da desnasalização das vogais postônicas,

aquelas que sucedem as sílabas tônicas de uma determinada palavra. Ao analisar algumas palavras, levando em consideração ao seu comportamento sintático no latim em consonância com o uso desta no português atual a identificação deste fenômeno é extremamente perceptível.

LATIM	PORTUGUÊS
<i>Abdomen</i>	Abdome
<i>Bitumen</i>	Betume
<i>Certamen</i>	Certame

Quadro 5: Palavras trazidas do latim para o português brasileiro.
Fonte: Bagno (2000, p. 115).

Todas estas palavras usadas na modalidade atual da língua, no latim tinham um N no final que desapareceu baseando-se no fenômeno da desnasalização das vogais postônicas. Todavia, algumas destas palavras conservaram a grafia, homologando duas escrituras possíveis: *Abdome/abdômen*, *certame/certâmen*, *cerume/cerúmen*. A ocorrência deste fator se dá pela alta frequência de uso do português padrão, o português não padrão, no entanto, aplicou a regra em todas as palavras. Sobre a tendência – desnasalização das vogais postônica – internas da língua, afirma Marcos Bagno (2000):

Mais uma vez a gente é obrigada a reconhecer que quem diz onte, home, garage, bobage, não está falando “errado”, não é Irene? Está até, de certa forma, falando mais “certo”, já que está respeitando a “regra” da desnasalização da vogal postônica que é natural da língua. (BAGNO, 2000, p. 117)

O autor, por meio da fala de personagens que compõe a obra, afirma a efetivação do fenômeno linguístico estudado nesta unidade, o qual tem por finalidade a desnasalização das vogais postônicas. Este aspecto existe e é conhecido por ambas as partes do português, o padrão e não padrão. Portanto, não se podem ignorar os falantes desta modalidade, tampouco enquadrar este como certo ou errado, já que existe explicações plausíveis para existência de tal.

8. *Arcaísmo português brasileiro*

Arcaísmo, segundo Dicionário Aurélio (1986), configura-se palavras e locuções arcaicas, coisa antiga ou antiquada. Assim, tendo base esta perspectiva, Marcos Bagno marca no início do capítulo “quem não se lembra de Camões”, palavras que pertencem ao fenômeno arcaísmo do português, sendo algumas delas: *Abastar*, *Ajuntar*, *Alembrar*, *Alevantar*,

Alimpar, Aluminar, Amostrar, Aqueixar, Aquetar, Arrecea e Arrenegar. Todas as palavras marcadas, sintaticamente, caracterizam-se como verbo e eram usadas frequentemente no português padrão, principalmente em versos d’*Os Lusíada*, uma obra poética escrita por Luís Vaz de Camões, considerada a epopeia da língua portuguesa por excelência. Na obra citada, o autor escreve sentença como: “nem as ervas do campo bem lhe ‘abastam’”, “vinhas as claras águas ajuntar-se’”, “mas ‘alembrou-lhe’ uma ira que o condena”.

A vogal “a” presente no início de todas as palavras citadas pelo 4 autor são possuidoras de explicações históricas para seu uso, no latim antigo existia uma preposição *ad*, esta deu origem à preposição “a” usada no português atual. Consoante à Marcos Bagno (2000, p. 122) “como as demais preposições latinas *ad* podia ser usada como prefixo para formar novos verbos”. Assim, surge este aspecto arcaico que se instaura no português padrão e português não padrão.

Tratando-se da normalidade do fenômeno arcaísmo na língua portuguesa, ainda presente no português padrão atual, levando em consideração a transitividade desta Marcos Bagno (200) reafirma por meio da fala da personagem Irene:

Quero mostrar que muita coisa que a gente pensa que está “errada”, que é fala de gente ignorante, na verdade não é nada disso. De fato, esses supostos “erros” são heranças muito antigas, vestígio de outros tempos verdadeiros “fósseis” linguísticos. (BAGNO, 2000, p. 119)

A presença do arcaísmo existe em todas as línguas e o fator responsável pela propagação deste fenômeno é a transitividade desta, o transporte de um lugar para o outro; “quanto mais distante de seu local de origem, mais arcaica permanece a língua” (BAGNO, 2000, p. 124). O autor explica, com estas palavras, a relação entre língua e influência; existe uma estreita relação entre o arcaísmo e distância geográfica.

9. Função da partícula “se” como verdadeiro sujeito da oração

A gramática normativa/descriptiva da língua portuguesa detém como ordem direta da oração: *sujeito, verbo e objeto*. Esta, na sintaxe da língua discutida é titulada ordem canônica, onde os elementos em destaque aparecem exatamente na ordem que as foram colocadas. Na ótica de Marcos Bagno (2000, p. 31) esta é uma “questão que ainda não foi definitivamente resolvida pelos gramáticos e que, por isso, complica um

pouco a vida de quem tem de ensinar e aprender a língua portuguesa”. É enorme a presença de gramáticas, livros didáticos e professores que defendem o “se” como índice de determinação do sujeito e não como o último, propriamente dito.

Para explicar, na prática, como se estrutura este fenômeno, o autor faz uso de suas frases, sendo elas:

- a) Nessa padaria *se come* uns docinhos ótimos.
- b) Nessa padaria *se comem* uns docinhos ótimos.

Sintaticamente, o não reconhecimento da partícula “se” como verdadeiro sujeito da oração geraria desvios gramaticais em ambos os enunciados, a começar pela frase (a), “porque o “sujeito” do verbo “comer” neste caso é “uns docinhos ótimos” e, estando o sujeito no plural o verbo deve estar no plural” (BAGNO, 2000, p. 132). É nesta perspectiva que se respalda toda a discussão em torno do aspecto destrinchado, uma vez que o “se” fosse reconhecido como sujeito da oração, não haveria complicações nesta análise, já que obedeceria a estrutura canônica da oração.

ANÁLISE DA FRASE NA ORDEM CANÔNICA			
nessa padaria	<u>se</u>	<u>come</u>	<u>uns docinhos ótimos.</u>
	SJ.	VB.	OBJ.

Quadro 6: Análise sintática da frase em ordem canônica.
Fonte: Bagno, 2000, p. 134.

É notória a naturalidade da análise, dada a estrutura direta da sintaxe: SVO. Também pelo enquadramento intuitivo do falante enquanto ao português padrão, por este fato o “se” enquanto sujeito soa um tanto natural em relação à frase (b) com, com o sujeito invertido.

O grande problema para os gramáticos é admitir que a palavra “se” na frase (a) é sujeito, isso ocorre porque no latim o “se” não podia ser sujeito e o português procede do latim. Porém, na língua portuguesa existe e é falada há mais de 1000 anos, já não é mais latim e por isso não se pode recobrir e vestir os fenômenos da língua portuguesa com as mesmas esferas do latim, ainda que sejam necessários reconhecer as origens.

10. Fenômenos de correntes da analogia

O fenômeno decorrente da analogia é extremamente similar ao

processo de assimilação, a diferença existente entre estes aspectos linguísticos é que a assimilação propõe tornar parecida ou semelhante coisas que estão próximas, enquanto a analogia, segundo (BAGNO, 2000, p. 149) é a “mudança linguística causada pela interferência de uma forma já existente”.

Este fenômeno é responsável pela quantidade imensa dos demais processos linguísticos.

Um grande exemplo do ataque da analogia são os resultados auditivos na fala da língua não padrão, e não só dessa, como também na fala de muitos titulados instruídos e falantes da norma culta. Assim, “existe na língua portuguesa uma alternância vocálica muito interessante entre vogal fechada e vogal aberta na relação nome-verbo” (BAGNO, 2000, p. 149), onde apresentará na fala diferenciações não pautadas na escrita, como exemplo:

SUBSTANTIVO	VERBO
O almoço	Eu almoço
O apego	Eu [me] apego
O carrego	Eu carrego

Quadro 7: Ação da analogia no português brasileiro.

Fonte: Bagno, 2000, p. 149.

Há, portanto, um roubo visível das vogais fechadas que enquanto nos substantivos se comportam representativamente nas palavras acima como: *almôço*, *apêgo* e *carrêgo*. Enquanto nos verbos acontece a queda das vogais fechadas e aparecem como: *almóço*, *apêgo* e *carrégo*. Assim, a analogia é responsável pela regularização dos verbos, adequando-os para caberem nesta modalidade.

11. Mudanças, variação e problemas no ensino da língua

A língua portuguesa não é provida somente de variedades próprias do português padrão ou português não padrão, ainda que muito se tem discutido, nas dependências da obra *A língua de Eulália* (2000), como ambas as variedades existentes na língua do Brasil. Não existe o português padrão, assim como não há fundamentos de existência do português não padrão, isso porque: “Não existe uma única variedade não padrão, existem muitas, e dizer quantas é até impossível, já que, como vimos, para definir bem uma variedade temos de levar em conta um número grande

de elementos linguísticos e sociais” (BAGNO, 2000, p. 158). O que de fato existe e é válido ressaltar são variações, o que não se pode, também, se intitular por variedades-padrão. Pois, “para nos referirmos a uma variedade de língua, é preciso também, obrigatoriamente, nos referirmos aos seres humanos que falam dessa variedade” (BAGNO, 2000, p. 158). Esta questão levanta uma discussão relevante, dada as prescrições de “padrão” enquanto na língua, sobre isto pontua o discutido autor:

O padrão é sempre um modelo, uma referência, uma medida, um critério de avaliação. Um padrão nunca é a própria coisa a ser medida, avaliada. Por isso, usar a expressão variedade-padrão chega a ser um paradoxo. (BAGNO, 3 2000 p. 159)

Na perspectiva do autor, pode-se intuir que não existem paralelos entre o português padrão e o não padrão, não há possibilidade de opor um ao outro. Pois, na verdade, o que existe é a língua com todas suas variedades e, por outro lado, um padrão da língua a ser seguido. As gramáticas normativas, por sua vez, enquadram-se nesta reflexão como os parâmetros, o molde a ser seguido e este é o grande problema do ensino da língua portuguesa no ensino atual; os gramáticos ensinam a sintaxe da língua puramente explicativa, sem humor e entretenimento.

12. Considerações finais

O propósito deste trabalho foi o de desconstruir o perfeccionismo da língua portuguesa e revisar as perspectivas bagnianas referentes a reconfiguração do português brasileiro analisando o livro “A língua de Eulália”, de Marcos Bagno (2000), uma vez que o conteúdo apresenta um assunto propício para explicar o português não padrão, que é considerado errado pela sociedade, pois esses conceitos foram impregnados nas pessoas através do nosso sistema tradicional de educação, na qual valoriza a gramática visando uma única forma correta do português.

A partir dos estudos realizados sobre o português padrão e o português não padrão pode-se concluir que a língua é mutável e viva como qualquer ser humano, e apesar de serem necessárias regras que regularmente a escrita tornando-a homogênea, há também uma necessidade de aceitação da língua falada, para que não seja gerado preconceito linguístico e conseqüentemente uma exclusão social, pois algumas classes utilizam isso como instrumento para se sentir superior as demais, esquecendo que tem toda uma explicação lógica e científica para essas variações que dependem de vários fatores como o meio cultural, social, regional, e eco-

nômico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. *Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2000.

DOURADO, Maura Regina; POSHAR, Heliane Andrade. A cultura na educação linguística do português como língua estrangeira. In: *Revista Letra Magna: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura*, vol. 4, 2007.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Uma afirmação do óbvio. 10. ed. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997.

RODRIGUES, Marlon Leal. Ensino de gramática versus ensino de língua. In: *Guavira Letras*, vol. 1, n. 10, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2008.